

DESENVOLVIMENTO DA CIDADANIA E PROMOÇÃO DA SAÚDE DE PESSOAS INTERNADAS POR TUBERCULOSE EM PORTO ALEGRE – BRASIL

Rosana Maffaccioli¹

Marta Conte²

Dora Lúcia Correa de Oliveira¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Escola de Enfermagem, Porto Alegre, Brasil, rosanamaffac@yahoo.com.br

² Secretaria Estadual da Saúde/Hospital Sanatório Partenon, Porto Alegre, Brasil, martacte@gmail.com

Resumen:

O texto aborda uma pesquisa que tem como objetivo acompanhar e analisar atividades nos âmbitos da educação, trabalho e renda e artes que visam promover a cidadania e a saúde de pessoas em situação de internação para tratamento da tuberculose no Hospital Sanatório Partenon (HSP). Vulnerabilidade e Direitos Humanos é o quadro teórico que tem suscitado o debate sobre o teor emancipatório dessas ações e o seu potencial para promover saúde. Por meio de oficinas de horta comunitária, de teatro, de fotografia e de artes plásticas tem sido possível analisar as possibilidades problematizarem e autogerirem seu cotidiano no que se refere à esfera ocupacional, à participação nos espaços sociais e ao cuidado de si e do outro. As ações ligadas às artes, têm proporcionado analisar mudanças com relação à expressão de subjetividades e reflexões sobre a integridade dos sujeitos nas mais diversas situações do cotidiano. Concluiu-se que as ações constituíram um ambiente cultural propício a uma sociabilidade que amplia a consciência das pessoas sobre sua condição de sujeitos de direitos e as estimula a construir e manterem projetos de uma vida digna e protegida de ameaças à saúde.

Palabras clave: tuberculose, vulnerabilidade, determinação social da saúde, promoção da saúde, direitos humanos.

I. INTRODUCCIÓN

Trata-se de uma pesquisa que tem como objetivo acompanhar e analisar atividades nos âmbitos da educação, trabalho e renda e artes que visam promover a cidadania e a saúde de pessoas em situação de internação para tratamento da tuberculose no Hospital Sanatório Partenon (HSP). Experiências prévias no local, relativas à dimensão do trabalho, educação e artes, indicam que é de suma importância ampliar o conjunto de ações terapêuticas existentes, no sentido de promover a saúde do público atendido no serviço. Especificamente, um importante marcador de êxito dessas ações refere-se à aderência das pessoas aos tratamentos prolongados impostos pela tuberculose e comorbidades associadas. Ao promover o exercício da cidadania, as ações alcançavam como horizonte a qualidade de vida e a manutenção da saúde, especialmente para a fase que se seguia após a internação hospitalar.

O HSP está localizado na cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, região sul do Brasil. É um serviço que pertence à Rede de Atenção em Saúde da Secretaria Estadual de Saúde, sendo estruturado como referência regional no tratamento de tuberculose, inclusive em casos que exigem o regime de internação hospitalar para essa doença. Conta com uma estrutura equipada para atender em nível ambulatorial e hospitalar, casos de tuberculose, suas principais comorbidades e condições associadas ao adoecimento. Nessa conjuntura, expressam-se as seguintes condições: Aids e outras DSTs (ênfa-

se para as Hepatites virais), uso abusivo de substâncias psicoativas (ênfase para o uso de álcool e *crack*), abandono social e situação de rua¹.

O hospital recebeu esse nome à época de sua inauguração, na década de 1950, e até hoje é referência para o tratamento da tuberculose em um dos estados, e em uma das capitais, com as mais altas taxas de morbimortalidade atribuídas à doença no Brasil. O Estado do Rio Grande do Sul está, atualmente, em 4º lugar em termos de incidência da doença, com 39,2 casos para cada 100.000 habitantes (no Brasil, esse coeficiente é de 30,9 casos para cada 100.000 habitantes). Quanto à proporção de coinfeção tuberculose-HIV, ocupa o primeiro lugar com 19,5% dos casos (enquanto no Brasil são 9,7%). Porto Alegre é a capital com a maior taxa de incidência da tuberculose no Brasil (104,6 casos para cada 100.000 habitantes) e apresenta o dobro da taxa de coinfeção Tuberculose-HIV em relação à média nacional. Essa situação está diretamente relacionada ao fato de ser também Porto Alegre a capital brasileira com maior incidência de Aids².

É comum as pessoas chegarem para a internação no HSP/SES/RS em profundo estado de debilidade física e sem perspectiva de dar sequência ao tratamento fora do ambiente hospitalar. O que é desafiador e o que elegeu esse lugar como campo para execução de atividades de pesquisa, é que a vulnerabilidade à internação no HSP constitui-se por trajetórias pessoais definidas segundo complexas articulações entre condições clínicas, psicológicas, sociais e de uso de serviços de saúde.

Esse conjunto de situações, que atuam entre si para aumentar a vulnerabilidade à internação foi tema de recente estudo realizado no HSP³. Constatou-se, nesse estudo que o adoecimento por Aids, o uso nocivo de drogas (principalmente o *crack*), vulnerabilidades no contexto da situação de rua e conflitos nas relações sociais, familiares e afetivo-sexuais eram os acontecimentos, geralmente, reconhecidos como os mais expressivos para gerar o desfecho da internação no HSP. Ao contemplar a dimensão social da vulnerabilidade nas trajetórias das pessoas internadas foi possível identificar que certos papéis sociais, ligados à condição de mulher e de homem, ao exercício da sexualidade, às condições de renda e trabalho, à cor da pele, à Aids e ao uso nocivo de drogas, operavam em situações conflituosas nas relações interpessoais que culminavam em agravamento do estado de saúde. Processos opressivos, discriminatórios e de violação de direitos resguardavam esses conflitos em relações sociais informadas por estruturas de classe social, normas de gênero e sexualidade e estigma da Aids e do uso de *crack* (a droga ilícita mais utilizada entre os participantes)^{4,5}.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, foi possível acompanhar algumas ações colocadas em prática no sentido de fomentar nas pessoas o desejo de se engajarem em projetos de autocuidado, transformados em projetos para uma vida mais digna a ser seguida após a alta hospitalar. As ações operacionalizavam-se por meio de eventos e oficinas ligados a diversas manifestações artísticas (teatro, música, desenho, escultura, fotos, poesia), ao meio ambiente (cultivo de ervas e plantas ornamentais), à educação de jovens e adultos (alfabetização e preparo para o trabalho), entre outras, que preenchiam a grade de atividades dispostas semanalmente no hospital. A partir dessas experiências, foi possível identificar uma mudança importante de contexto ocorrer no que se referia ao êxito nos projetos terapêuticos a serem executados durante o período de internação dos pacientes⁶.

O acúmulo de experiências potencialmente exitosas do ponto de vista psicossocial e clínico permitiu identificar nessas atividades uma linha de atuação convergente com os discursos político-programáticos contemporâneos no campo da tuberculose. Em nível local e mundial, iniciativas e orientações técnicas do Ministério da Saúde no Brasil, da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo

Global de contra AIDS, Tuberculose e Malária entram em consenso ao considerar o protagonismo da sociedade civil para que a resposta à tuberculose seja exitosa.

Nessa perspectiva, uma nova proposta que abarcasse o incentivo para a retomada dessas atividades foi apresentada para a Instituição. As repercussões positivas das abordagens psicossociais no HSP e o interesse público pela qualificação da resposta à tuberculose foram fomentados nessa proposta a qual vem buscando acompanhar analiticamente oficinas relacionadas à educação, trabalho, renda e artes voltadas ao desenvolvimento da cidadania e promoção da saúde de pessoas internadas para o tratamento da doença.

II. MÉTODO

A proposta de incrementar as ações com a inclusão de ações de ampliação da cidadania e apoio psicossocial ao tratamento da tuberculose vem agregando novos atores institucionais. Parceiros governamentais e não governamentais, parcerias com as universidades, além da atuação dos próprios departamentos do hospital estiveram em atividade no HSP.

A metodologia consistiu de reuniões de trabalho com as pessoas interessadas nas atividades, a fim de estabelecer combinações quanto à operacionalidade das mesmas. A ideia foi investir todos os atores - pacientes, funcionários, proponentes das atividades - de responsabilidade e identificar habilidades ligadas ao propósito de cada atividade as quais possam ser compartilhadas entre os membros do grupo.

A observação participante foi o meio de acessar tanto as pessoas em situação de internação como os trabalhadores da Instituição nos contextos das oficinas e das reuniões para planejamento. Trata-se de uma performance em que o pesquisador se insere ativamente no contexto gerador das questões de interesse da pesquisa. Especificamente, procurou-se não só estar presente nas atividades, mas também colocar-se no papel de incentivador, aprendiz e proponente de ações e técnicas convenientes ao escopo de trabalho e em conformidade com as oportunidades lançadas pelos mediadores. Vivenciar uma experiência que amplia as condições para exercer cidadania e preservar a vida requer a apropriação de informações que não são geradas somente via comunicação verbal ou escrita. Há elementos a explorar que dizem respeito à descrição do ambiente, aos comportamentos individuais e grupais, às posturas e linguagens corporais, à sequência e temporalidade dos eventos. Tais elementos servem de subsídio para aperfeiçoar a interpretação das informações apreendidas pela comunicação verbal⁷.

Como instrumento de registro das observações, foi feito o uso de diário de campo. Trata-se de um recurso que possibilita a descrição textual, sem restrições, de todos os eventos e reflexões ocorridos no contexto da pesquisa, durante o tempo em que essa é realizada. O registro é cronológico, podendo conter um fichário básico das pessoas envolvidas na pesquisa, no sentido de apontar informantes-chave a serem convidados a participar das abordagens individuais de geração de dados⁷.

III. RESULTADOS

Em execução desde o segundo semestre de 2016, o projeto de pesquisa, vem cumprindo com os objetivos os quais foram propostos na ocasião de sua apreciação. Contudo, alguns entraves relativos à manutenção de parcerias interinstitucionais, que garantiriam o aporte financeiro para a execução das oficinas não foram concretizados ainda que esforços técnicos e operacionais tivessem sido investidos.

Outro entrave refere-se ao alcance da legitimidade das ações junto ao contexto institucional em que o projeto é executado. Há uma visão difusa de que as ações seriam menos impactantes na recuperação da saúde das pessoas internadas do que o investimento em abordagens biomédicas e comportamentais – persuasão para manter adesão ao tratamento medicamentoso, manter hábitos de vida saudáveis, abster-se de usar substâncias psicoativas ilícitas e outras condutas terapêuticas exclusivamente voltadas ao problema da tuberculose. Há, portanto, certa disputa do espaço ideológico a ser ocupado pelas ações que visam a recuperação e manutenção da saúde e não uma composição de ações que correspondam a necessidades psicossociais e de saúde mais amplas desta população.

Como resposta a essa conjuntura, vem sendo ampliado o diálogo sobre as potencialidades das ações que se voltam ao desenvolvimento da cidadania e promoção da saúde na Instituição. Como estratégia para superar esse entrave tem sido garantida a participação sistemática de uma das pesquisadoras em reuniões clínicas em que, semanalmente, profissionais de todos os departamentos do hospital expõem diversos temas atrelados à questão da tuberculose. Outra participação ocorre no contexto das reuniões do Plano Terapêutico Institucional, instância voltada a pactuar ações diferenciadas aos pacientes para promover a saúde e possibilidades de reinserção social.

Participação em eventos científicos promovidos pelo hospital e em parceria com este também tem sido oportuna para ampliar o entendimento da potencialidade das ações. Nesse sentido, destaca-se o I Fórum Gaúcho “Desafios para o Enfrentamento da Coinfecção Tuberculose-HIV/aids”. O evento foi realizado em dezembro de 2016 e durante 3 dias reuniu, aproximadamente, 200 pessoas entre estudantes, profissionais, ativistas e gestores da área da saúde, além de pesquisadores e teóricos do quadro da Vulnerabilidade e Direitos Humanos. Foram debatidos o impacto e magnitude da coinfecção Tuberculose/HIV/aids no RS; construção da resposta à tuberculose na interlocução entre Universidade e Serviço de Saúde; e vulnerabilidade e direitos humanos como perspectiva teórica para ampliar a qualidade dessa resposta.

Algumas atividades proporcionaram analisar as possibilidades das pessoas em problematizar e autogerir o cotidiano no que se refere à esfera ocupacional, à participação nos espaços sociais e ao cuidado de si e do outro. Destacam-se as oficinas de horta comunitária, as quais têm sido desenvolvidas desde o início de 2017. O princípio que orienta o trabalho é o envolvimento coletivo e autogestão das atividades. Profissionais da assistência social e da psicologia se revezam no papel de facilitadoras das oficinas e nesse sentido, providenciam insumos e orientações técnicas necessárias ao plantio de espécies ornamentais e comestíveis. As atividades ocorrem todos os dias e ocupam uma área relativamente extensa de vegetação. No espaço, até então, não se previa a circulação de pessoas e o acesso a ele ampliou as possibilidades dos pacientes de usufruírem de outras paisagens dentro do hospital, pois o local tem sido transformado e ressignificado a partir da realização dessas oficinas.

A responsabilidade pelo cuidado com as plantas e o projeto para novos cultivos são experiências que fomentam conversas sobre o cuidado de si e sobre projetos futuros para a vida. As habilidades manuais e técnicas no cultivo da horta são, muitas vezes, ressaltadas pelos participantes como um legado dessas experiências para a vida toda, inclusive no que se refere a possibilidades ocupacionais futuras.

Em meio às ações ligadas às artes, outras atividades, também na forma de oficinas, proporcionaram mudanças com relação à expressão de subjetividades e a performances sociais que protegem a integridade dos sujeitos nas mais diversas situações do cotidiano. As oficinas de teatro de bonecos foram atividades pontuais, realizadas no segundo semestre de 2016 pelo grupo Fuzuê de Teatro de Animação. A parceria com esse grupo, o qual atua no Ponto de Cultura Quilombo do Sopo, tem sido bastante pro-

fícua, tanto no que se refere às possibilidades de fixar as oficinas no HSP, como também, no que se refere à formação de profissionais da saúde para atuar em projetos que articulam arte e saúde. Nesse sentido, destaca-se a participação de uma das pesquisadoras e de uma das profissionais do Hospital no Curso “Teatro de animação e suas convergências com a educação e a saúde”. No curso, foram trabalhados conceitos e técnicas para facilitar as relações interpessoais em processos da Educação (formal e informal) e da Saúde (preventiva e terapêutica), tendo como foco a utilização do Teatro de Animação como instrumento de comunicação, formação, terapia e educação na comunidade.

As atividades que aconteceram no Hospital contemplaram uma apresentação teatral, com o espetáculo “Fuzuê no Sertão Encantado” e uma oficina de confecção de bonecos e representação de personagens. Na apresentação teatral, a reação dos participantes foi de grande aceitação desta linguagem, observada através dos diálogos proporcionados entre os presentes e as personagens. O ineditismo da atividade na rotina do hospital e sua capacidade de despertar afetos, por meio do resgate de elementos lúdicos da infância, foi algo bastante evidente nas expressões de quem estava presente e objeto de debate entre esses. Pedidos para que a apresentação fosse repetida mais vezes foram registrados no dia em que atividade ocorreu e nos momentos em que outras reuniões aconteceram naquele período.

Na oficina de confecção de bonecos, os pacientes puderam realizar exercícios de sensibilização por meio da manipulação de materiais e modelagem de personagens. A ideia foi trabalhar com relato de história pessoal utilizando o boneco como mediador de falas, o que facilitou: a exposição de sentimentos sobre si mesmo; ver-se como alguém digno de participar de espaços de diálogo coletivo; e de ampliar a visão de mundo para além da imagem deteriorada que é nutrida por uma inserção marginal na sociedade. A elaboração coletiva de uma esquete teatral ainda proporcionou a expressão de desejos, a projeção de planos para a vida e a revisão da autoimagem, no momento em que foram depositados nas personagens elementos da subjetividade que pouco sobressaem no cotidiano. No trabalho coletivo, se verificou a cooperação, a oportunidade de falar sobre suas experiências de vida de modo suavizado, sem a opressão de comunicar a partir do lugar de quem é culpado ou de quem está com medo de represálias, experiências comumente vividas pelos pacientes que internam no HSP.

No contexto das ações ligadas às artes, foram também realizadas em 2016, oficinas de fotografia. As mesmas ocorreram a partir do projeto “Ressignificando o papel da lata: produzindo sentidos relacionados ao binômio saúde-doença através de fotografia pinhole”. Os parceiros deste projeto foram integrantes do grupo Imagens Faladas, também ligados ao Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo. As oficinas consistiram em confecção de um artefato que captura imagens, semelhante ao mecanismo das máquinas fotográficas rudimentares. Com grande relevância simbólica para os participantes das atividades, a lata de alumínio foi um dos materiais utilizados para confeccionar esses dispositivos. O simbolismo refere-se ao fato de as latas serem também matéria-prima para a construção de outro artefato, o cachimbo para uso de pedras de crack. A ideia de utilizar esse material era justamente a de ressignificar seu uso e abrir a possibilidade de dialogar sobre a questão das drogas. A lata, no âmbito dessa atividade, passou a constituir objeto que produziria outros sentidos e outras imagens para as pessoas acostumadas com a sua função no contexto da fissura pela droga.

Para além da ressignificação da lata, pretendida pela oficina, outro elemento explorado foram os tipos de imagens registradas nas fotografias e o processo técnico de captura das imagens. Buscou-se incentivar nas pessoas a sensibilização do olhar para as paisagens do cotidiano, no sentido de redefinir a forma de vê-las. Aspectos pouco valorizados desse cotidiano e a visão acomodada, que não permitiria enxergar os detalhes, as nuances que compõe o todo, passaram a ser descobertos pela fotografia. Rodas

de conversa sobre os modos de olhar a vida iniciavam essa sensibilização a qual se completava no circuito fotográfico percorrido por todos em busca das imagens a serem registradas.

Uma mostra fotográfica foi organizada ao fim do ciclo de oficinas, na qual foram expostas as fotografias e oportunizado que cada participante conversasse com os visitantes sobre suas intenções ao produzir aquelas imagens. Esse momento foi inédito na vida das pessoas que participaram das atividades, as quais relataram o quanto se sentiram valorizadas por poder expressar os sentidos do trabalho que haviam feito.

Na área das artes, duas ações têm sido desenvolvidas. Uma refere-se às oficinas de artes plásticas e outra ao Círculo de Leitura e Escrita Criativa - CLEC. A parceria no trabalho na âmbito das artes plásticas foi firmada com o artista plástico Aloizio Pedersen, responsável pelo projeto “Artinclusão”, desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus, em Porto Alegre e no Instituto Psiquiátrico Forense. O projeto objetiva promover a inclusão social, por meio da arte e da pintura, ao ensinar sobre técnicas de pintura em tela, além de apresentar aos participantes, obras de pintores como Jackson Pollock, Wassily Kandinsky, Paul Klee, dentre outros, além de conceitos de teoria da arte de Fayga Ostrower, as quais servem de inspiração para a produção das telas.

O artista que conduz o trabalho nessas oficinas, para além do ensino das técnicas de pintura, mantém diálogos com os participantes no sentido de fazer emergir subjetividades que em outras circunstâncias dificilmente se expressariam. Partindo do pressuposto de que acessar o “interior” dos pacientes pela arte é mais fácil, ele busca desenvolver aspectos cognitivos como a atenção e o raciocínio lógico para a solução de problemas. Do ponto de vista dos sentimentos despertados nas oficinas, chama a atenção para um movimento de liberação das emoções ao observar que os conteúdos interiores se deslocam para a consciência, possibilitando insights sobre como lidar com situações conflituosas ou dramáticas da vida.

O CLEC está em fase de planejamento e a primeira oficina no HSP ocorrerá em meados do mês de novembro de 2017. Essa atividade foi proposta a partir do interesse de novos membros do Grupo de Estudos em Promoção da Saúde – GEPS, Escola de Enfermagem UFRGS, em reproduzir no contexto deste projeto de pesquisa, uma ação que já é realizada em uma unidade básica de saúde localizada na zona norte de Porto Alegre. A oficina consiste em escolher textos literários e poéticos que são lidos ou declamados por um ou mais participantes. Os sentimentos e ideias despertadas pelo conteúdo do texto servem de mote para um debate coletivo, geralmente em forma de roda de conversa, em que todos emitem suas opiniões e acrescentam outras referências.

Das iniciativas elaborados, duas ainda necessitam de investimentos em termos de ações. Uma delas refere-se ao trabalho como fonte de renda e satisfação, uma estratégia que está sendo elaborada é a criação de oficinas para aprendizagem e aperfeiçoamento de habilidades manuais com costura, bordado em tecidos e escultura em barro. Essas atividades já ocorreram em outro momento no HSP e tem sido demandado pelos pacientes que elas sejam retomadas. A proposta de retomada vem sendo pensada de modo a contemplar uma linha de trabalho que busque agregar às habilidades manuais e possibilidades ocupacionais sentidos mais amplos no que se refere à satisfação com o material produzido, autoestima, empoderamento feminino e desconstrução de estereótipos sexuais e de gênero.

Com relação às iniciativas para ampliar a qualidade do trabalho em saúde, uma parceria de pesquisa poderá contribuir para o debate sobre o planejamento do cuidado centrado nas necessidades dos pacientes do HSP. Tal parceria refere-se ao interesse de uma pesquisadora do GEPS em desenvolver debates sobre Plano Terapêutico Singular (PTS). O tema foi abordado pela pesquisadora em sua tese de

doutorado, na qual dedicou-se a demonstrar as especificidades dessa abordagem em populações afetadas pela tuberculose. Como no HSP está prevista a implementação do PTS, sua intenção é fomentar o debate acerca das ações previstas nesses planos que guardam relação com a proteção da cidadania dos pacientes, algo que ampliaria a atenção para essa questão no interior da Instituição.

IV. CONCLUSIONES

As análises realizadas até o momento evidenciam o potencial de um trabalho interprofissional em saúde ancorado nas necessidades psicossociais das pessoas afetadas pela TB. Nesse sentido, demonstrou que para ampliar o desenvolvimento da cidadania e a promoção da saúde é importante ousar em diversos aspectos: na desconstrução de hierarquias nas relações sociais mantidas no âmbito terapêutico; aposta na capacidade de reação das pessoas quando acolhidas em suas singularidades, no respeito às histórias pessoais e na transformação do olhar para que nas mesmas fossem buscadas referências positivas, e no anseio pelo produto que surge do movimento novo, diferente e co-produzido pela diversidade de atores envolvidos no processo: trabalhadores, profissionais de diferentes áreas e usuários do serviço.

Os recursos das oficinas proporcionou o ambiente cultural propício a essa sociabilidade que amplia a consciência das pessoas sobre sua condição de sujeitos de direitos e as embasa para construir e manter projetos que visam promover uma vida digna e protegida de ameaças à saúde. Esperamos manter acesa essa chama, aspirando continuar contribuindo para o campo de saberes e práticas em TB e em saúde pública.

REFERENCIAS

1. Rio Grande do Sul. Secretaria Estadual de Saúde. Hospital Sanatório Partenon. Disponível em: <[http://www.saude.rs.gov.br/conteudo/639/?hospital_sanat%20rio_partenon_\(h\)](http://www.saude.rs.gov.br/conteudo/639/?hospital_sanat%20rio_partenon_(h))>. Acesso em: 05 fev. 2016.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim epidemiológico: Perspectivas brasileiras para o fim da tuberculose como problema de saúde pública, Brasília, 47 (13); 2016.
3. Maffaccioli R. A construção social da vulnerabilidade em trajetórias de internação para tratamento da tuberculose [tese]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem; 2015.
4. Parker R. Aggleton P. (ed.). Culture, society and sexuality: a reader. 2nd ed. Abingdon: Routledge; 2007.
5. Ayres JR, Paiva V, França Junior I. Conceitos e práticas de prevenção: da história natural da doença ao quadro da vulnerabilidade e direitos humanos. In: Ayres JR, Paiva V, Buchalla CM, organizadores. Vulnerabilidade e direitos humanos: prevenção e promoção da saúde: da doença à cidadania. Curitiba (PR): Juruá; 2012.
6. Rio Grande do Sul. Secretaria Estadual de Saúde. Departamento de coordenação dos hospitais estaduais. Hospital Sanatório Partenon (documento que apresenta o Plano terapêutico Institucional [2012], data conhecida, não indicada na obra.

7. VÍCTORA CG, KNAUTH DR; HASEN MNA. Pesquisa Qualitativa em Saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.